

## UMA ANÁLISE POLÍTICA DA TRAGÉDIA GREGA ANTÍGONA.

Eliézer Julio Longen<sup>1</sup>

Édipo, o amaldiçoado desde o nascimento, transfere a seus descendentes as infelicidades e querelas que a vida pode proporcionar aos homens. O novo episódio dessa expoente saga, que marca sobremaneira o gênero trágico grego, apresenta-nos o conflito entre a lei divina/natural/eterna (Direito Natural) e os desígnios de comando dos homens (Direito Positivo), ou seja, das normas concernentes à ordem advinda do universo natural (cosmos) contra as leis terrenas criadas pelos soberanos compostos por carne e ossos.

A sombra do infortúnio agora recobre a cabeça de Antígona, filha do rei Édipo, a qual invocando a máxima reverência à vontade do universo, perfilada como lei para a correta interpretação dos mortais, contrapõe-se à norma criada pelo novo soberano de Tebas, Creonte, o qual determinou a pena de apedrejamento para quem ousasse prestar a ritualística fúnebre a Polinice (possível atentado à dignidade humana). Esse, morto pelo próprio irmão Etéocles (ambos irmãos de Antígona e Ismênia), em um duelo sem vencedores, e possuidor de conotações extremamente políticas, em que as honras funerárias impossibilitadas a aquele, a esse foram concedidas insignemente por ordens régias.

[...] ordenei fosse tornado público o meu decreto concernente aos filhos de Édipo: Etéocles, que, lutando em prol da cidade, morreu com inigualável bravura, seja, por minha ordem expressa, devidamente sepultado; e que se lhe consagrem todas as oferendas que se depositam sob a terra, para os mortos mais ilustres! Quanto a seu irmão, — quero dizer: Polinice, — que só retornou do exílio com o propósito de destruir totalmente, pelo fogo, o país natal, e os deuses de sua família, ansioso por derramar o sangue dos seus, e reduzi-los à escravidão, declaro que fica terminantemente proibido honrá-lo com um túmulo, ou de lamentar sua morte; que seu corpo fique insepulto, para que seja devorado por aves e cães, e se transforme em objeto de horror[...] (SÓFOCLES, 2005, p. 15)

Esse trecho obtido da obra de Sófocles, ilustra a voz de comando dada por Creonte, e sua nítida preocupação com a ordem política, ao promover um castigo

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Direito – Faculdade Cidade Verde – Maringá / PR.

exemplar ao inimigo público e enaltecer a atitude de patriotismo do herói declarado. Portanto assevera-se que todo o choque de legitimidade entre a *lexaeterna* e a *lextemporalem* nasce da premência do soberano em manter a congruência e unidade de seu povo, notadamente a repressão da conduta acima proibida tem como escopo reprovar a rebeldia e exaltar a obediência, promovendo uma “coação psicológica” (Feuerbach)<sup>2</sup> que tende a promoção do caráter preventivo da sanção.

[...] E a língua, o pensamento alado, e os costumes moralizados, tudo isso ele aprendeu! [...] Confundindo as leis da natureza, e também as leis divinas a que jurou obedecer, quando está à frente de uma cidade, muita vez se torna indigno, e pratica o mal, audaciosamente!(SÓFOCLES, 2005, p. 25)

Toda a narrativa está repleta de insinuações sobre a natureza do homem e sua relação com a necessidade de ordem. No transcorrer da história o cadáver intocável é sepultado furtivamente pela protagonista, que é capturada e apresentada ao rei, o qual busca providenciar de pronto o severo suplício à pobre mulher. Porém ocorre uma reviravolta, ao introduzir-se na saga o noivo inveterado da vítima, Hémon filho de Creonte.

[...] Teu semblante inspira temor ao homem do povo, quando este se vê forçado a dizer o que não te é agradável ouvir. Quanto a mim, ao contrário, posso observar, às ocultas, como a cidade inteira deplora o sacrifício dessa jovem; e como, na opinião de todas as mulheres, ela não merece a morte por ter praticado uma ação gloriosa... Seu irmão jazia insepulto; ela não quis que ele fosse espedaçado pelos cães famintos, ou pelas aves carniceiras. “Por acaso não merece ela uma coroa de louros?”eis o que todos dizem, reservadamente. [...] O piloto que, em plena tempestade, teima em conservar abertas as velas, faz emborcar o navio, e lá se vai, com a quilha exposta ao ar! Cede, pois, no teu íntimo, e revoga teu édito. (SÓFOCLES, 2005, p. 45 à 47).

Hémon ao proferir tais palavras afronta o “decisionismo” de seu pai, demonstrando a sumo reverência do povo aos desígnios divinos, e os problemas que há de enfrentar um príncipe que ignora o sentimento e manifestação culturais e ancestrais de seus súditos. Observa-se aqui contida, a possível essência do direito natural, qual seja, a tradição cultural. Isto é, os costumes praticados desde tempos imemoriais acabam tornando-se axiomas de conduta “sagrados”.

---

<sup>2</sup>Paul Johann Anselm Ritter von Feuerbach - Penalista Alemão dos séculos XVIII e XIX.

Antígona é questionada por Creonte em relação ao porquê do comportamento contrário a sua ordem, sua resposta apoia-se na autoridade da religião.

[...] não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que teu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! e ninguém sabe desde quando vigoram! — Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham a punir os deuses! Que vou morrer, eu bem sei; é inevitável; e morreria mesmo sem a tua proclamação. E, se morrer antes do meu tempo, isso será, para mim, uma vantagem, devo dizê-lo! Quem vive, como eu, no meio de tão ltuosas desgraças, que perde com a morte? Assim, a sorte que me reservas é um mal que não se deve levar em conta; muito mais grave teria sido admitir que o filho de minha mãe jazesse sem sepultura; tudo o mais me é indiferente! Se te parece que cometi um ato de demência, talvez mais louco seja quem me acusa de loucura! (SÓFOCLES, 2005, p. 30 e 31)

A vingança real sem a proteção divina pouco a pouco torna-se vazia de legitimidade. Um édito novo encontra barreiras quase intransponíveis, quando contrário a leis metafísicas que encontram-se embebidas em tão pegajoso óleo e altamente inflamável quanto a tradição de um povo. Ao mínimo sinal de descontentamento geral a ignição pode ocorrer, porém o combate às chamas nesse caso é feito por armas e sangue.

Sábio o rei que manobra o humor da multidão, impondo sua vontade por um lado, e respeitando alguns dogmas transcendentais populares por outro.

Tirésias, o oráculo, apresenta-se no palácio de Creonte logo após esse dar o comando para os carrascos: “[...] Encerrai-a, como vos ordenei, na cavidade de pedra, e deixai-a ali só, para que morra... ou fique sepultada viva em tal abrigo. [...]”, e repreende a atitude do rei proferindo uma sinistra predição:

Sabe, pois, que não verás o sol surgir no horizonte muitas vezes, sem que pagues, com a morte de um de teus descendentes, o resgate de outra morte, pois acabas de pôr sob a terra uma criatura que vivia na superfície, e a quem indignamente encerraste, viva, num túmulo; por outro lado, tu reténs, longe dos deuses subterrâneos, um cadáver, privado de honras fúnebres e de sepultura! (SÓFOCLES, 2005, p. 66 e 67)

Em seguida o soberano arrepende-se, ponderando em um lado da balança a autoridade de sua lei contra a rebeldia individual, e de outro o alvoroço popular de cunho supersticioso aliado ao receio da punição divina objeto do presságio do adivinho. Busca retificar seu erro, contudo o tempo não mostra-se um aliado, ao chegar ao sepulcro de Antígona, assiste a seu filho em lúgubre cena.

[...] o filho, fitando-o com olhar desvairado, cospe-lhe no rosto, e, sem dizer palavra, arranca da espada de duplo fio... Seu pai recua, e põe-se a salvo; ele não o atingiu! Então, o desgraçado volta contra si mesmo sua raiva, e com os braços estendidos, firma o gume da espada no próprio peito, crava-a com furor; e, respirando em arrancos de agonia, abraça-se ao corpo da donzela, para logo em seguida exalar o último alento, com o sangue, que, impetuoso, alcança as faces pálidas da jovem. Morto, enfim, foi estendido ao lado de sua noiva morta; e é no Hades que o infeliz casal terá tido as suas bodas... Triste exemplo para os humanos, à vista dos males que a impiedade pode causar, mesmo aos reis!(SÓFOCLES, 2005, p. 74 e 75)

E a lenda adentra na escuridão sombria, ilustrando as desventuras que os mortais perpassam rumo ao fim de suas breves e sentimentais existências.

A análise desse antigo escrito mostra-nos a importância da lei na esfera de convivência humana, e suas diversas formas de legitimação e apresentação, seja por meio da coerção (violência física), seja pela reprovação social advinda das manifestações das tradições, que fluem durante os séculos, formando um rio impetuoso repleto de apelos ao místico e ao torrão natal. Flúmen este que incorporando diversos cursos d'água ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, desagua após a segunda metade do século XX, provavelmente concedendo os contornos dos modernos direitos do homem, correspondentes às nuances históricas acerca da dignidade da pessoa humana.

## **Referências**

SÓFOCLES. **Antígone**. Trad. de J. B de Mello e Souza. Digitalização do livro em papel Clássicos Jackson, Vol. XXII. EbooksBrasil. 2005.